

O PRESENTE DOS MAGOS

O. Henry

Um real e oitenta e sete centavos. Isso era tudo. E mais sessenta centavos em moedas. Centavos poupados, um ou dois de cada vez, ao pechinchar com o merceiro, o verdureiro e o açougueiro, até ficar com o rosto enrubescido devido à suposição silenciosa de avareza, implícita nessas negociações. Della contou três vezes. Um real e oitenta e sete centavos. E o Natal era no dia seguinte.

Não havia realmente nada a fazer a não ser jogar-se no sofá gasto e chorar. Foi o que Della fez. O que lhe trouxe a reflexão moral, de que a vida é feita de soluços, suspiros e sorrisos, com predominância dos suspiros.

Enquanto a dona da casa está gradualmente saindo do primeiro para o segundo estágio, observemos um pouco aquele lar. É um apartamento alugado, com mobília, por oito reais por semana. Não era exatamente um cortiço, mas com certeza a equipe de combate à mendicância teria quase certeza disso.

No vestíbulo do prédio havia uma caixa de cartas, que jamais recebia cartas, e um botão elétrico para abrir a porta, que dedo mortal algum podia ser persuadido a tocar. Ao lado do botão elétrico fora afixado também um cartão com o nome, sr. James Dillingham Young.

O "Dillingham", havia sido escrito em um antigo período de prosperidade, em que o sr. Dillingham recebia trinta reais por semana. Agora, quando a renda baixara para vinte reais por semana, as letras de "Dillingham" pareciam borradas, como se estivessem pensando seriamente em transformar-se em um modesto e desprezioso "D". Contudo, sempre que o sr. Dillignham Young chegava em casa e entrava em seu apartamento, era chamado de Jim e recebia muitos abraços da sra. James Dillingham Young, já apresentada a você como Della. E tudo isso, na verdade, era muito bom.

Della parou de chorar, arrumou o rosto e empoou-o com o pó compacto. Ela ficou à janela, espiando apática um gato cinzento andando em cima de uma cerca cinzenta que havia em um quintal cinzento.

O dia de Natal seria no dia seguinte, e ela só tinha um real e oitenta centavos para comprar um presente para Jim. Tinha poupado o que pudera, por meses, e essa quantia fora tudo que conseguira. Vinte reais por semana não duram muito. As despesas tinham sido maiores do que calculara. Elas sempre são. Só tinha essa pequena quantia para comprar um presente para o marido. Passara horas planejando algo apropriado para ele. Algo fino e raro – algo, pelo menos, digno da honra de ser propriedade de Jim.

Havia um tremó entre as janelas da sala. Você talvez já tenha visto um tremó em um apartamento desse tipo. Urna pessoa bem magra e ágil pode, observar seu reflexo em uma rápida sequência de tiras longitudinais, ter uma ideia bem acurada de sua aparência. Della, por ser esbelta, havia dominado a arte.

Ela saiu de repente da janela e ficou diante do espelho. Seus olhos brilhavam, mas sua face perdera a cor em vinte segundos. Soltou rapidamente o cabelo, deixando-o cair em todo seu comprimento.

Os James Dillingham Young tinham dois bens dos quais muito se orgulhavam. Um deles era o relógio de ouro de Jim, herança de seu pai e de seu avô. O outro era o cabelo de Della. Se a rainha de Sabá morasse no apartamento do outro lado do poço de ventilação, Della deixaria algum dia o cabelo pendurado à janela para secar, só para diminuir o brilho das joias e dos presentes de Sua Majestade. Se o rei Salomão fosse o zelador, com todos seus tesouros empilhados no porão, Jim tiraria o relógio cada vez que passasse, só para vê-lo arrancar a barba de inveja.

O lindo cabelo de Della caía ao seu redor, ondulado e brilhante como uma cascata de águas castanhas. Chegava abaixo dos joelhos e quase servia de vestido para ela. Logo prendeu-o outra vez, nervosa e rapidamente. Hesitou por um momento e ficou ali parada, enquanto uma lágrima ou duas caíam no tapete usado.

Vestiu a velha jaqueta marrom e pôs um velho chapéu. Ela, com um flutuar de saias e os olhos ainda cintilando, voou pela porta e desceu as escadas até a rua.

Ela deteve-se defronte uma porta com um tabuleta, em que estava escrito: Madame Sofronie, Produtos de Todo Tipo para Cabelos. Della subiu correndo as escadas e parou ofegante, procurando acalmar-se. A mulher, corpulenta, branca demais e fria, mal parecia a "Madame Sofronie" do anúncio. — Quer comprar meu cabelo? — perguntou Della.

— Eu compro cabelos — disse a mulher. — Tire o chapéu e vamos ver a aparência deles.

A cascata castanha, ao ser solta, ondulou-se.

— Vinte reais — disse a mulher, levantando a massa pesada com mão prática.

— Corte-os depressa e dê-me o dinheiro — pediu Della.

Oh, as duas horas seguintes voaram em asas cores-de-rosa. Não preste atenção à metáfora reavivada. Ela estava desmontando todas as lojas para comprar o presente de Jim.

Por fim, encontrou o presente ideal. Fora certamente feito para ele, e ninguém mais. Não havia nada assim em qualquer das lojas e ela as havia revirado de alto a baixo. Era uma corrente curta de platina, com desenho simples e distinto, na qual percebia-se o valor só pelo material, e não pelos ornamentos exagerados — como todas as coisas boas devem ser. Era digna até do Relógio. No momento em que a viu, ela soube que devia ser do marido. Era a cara dele. Discricção e valor, a descrição aplicava-se ao marido e à corrente. O presente custou vinte e um reais, e ela voltou depressa para casa com os oitenta e sete centavos restantes. Com essa corrente em seu relógio, ele poderia olhar, sem embaraço, a hora em qualquer lugar. Jim, por mais fino e bonito que fosse o relógio, algumas vezes, olhava furtivamente as horas, pois usava uma velha tira de couro no relógio, em vez de corrente.

Quando Della chegou em casa, sua animação deu lugar à prudência e à razão. Pegou o ferro de enrolar cabelo e, ligando o gás, começou a trabalhar para amenizar a devastação causada por sua generosidade, acrescida de seu amor por Jim. E essa é sempre uma tarefa difícil – caros amigos – uma tarefa monumental.

Em quarenta minutos, sua cabeça estava coberta de cachinhos curtos, que a faziam parecer maravilhosamente com urna colegial cabulando aula. Ela olhou para seu reflexo no espelho por longo tempo, cuidadosamente e com olhos críticos.

– Se o Jim não me matar, – disse a si mesma, – antes de olhar-me pela segunda vez, dirá que pareço urna corista de Coney Island. Mas, o que me restava fazer? Oh, o que podia comprar com um real e oitenta e sete centavos?

Às sete horas, o café estava pronto, e a frigideira sobre o fogão preparada para cozinhar as costeletas.

Jim era. pontual. Della pôs a corrente na mão dobrada e sentou-se no canto da mesa, perto da porta pela qual ele sempre entrava. A seguir, ouviu seus passos na escada do primeiro andar e empalideceu por um momento. Ela tinha o hábito de fazer orações curtas para as coisas simples do dia e, portanto, nesse momento sussurrou: "Por favor, Deus, faça com que ele pense que ainda sou bonita".

A porta abriu-se, Jim entrou e fechou-a. Parecia magro e muito sério. Pobre rapaz, com apenas vinte e dois anos e tinha de sustentar uma família! Precisava de um casaco novo e estava sem luvas.

Jim parou, tão imóvel quanto um cão de caça farejando uma codorna. Seus olhos estavam fixos em Della e havia neles uma expressão, que ela não conseguiu decifrar, e isso a aterrorizou. Não era ira, surpresa, reprovação, horror, nem qualquer dos sentimentos para os quais se preparara. Ele simplesmente ficou a olhá-la com aquela expressão peculiar no rosto.

Della levantou-se, foi até o marido e disse:

– Jim, querido, não olhe para mim desse jeito. Eu cortei o cabelo e o vendi porque não poderia suportar o Natal sem lhe dar um presente. Ele crescerá de novo. Você não se importa, não é? Tive de fazer isso. Meu cabelo cresce depressa. Jim, diga: 'Feliz Natal e vamos ser felizes. Você não sabe o presente lindo que comprei para você.

– Você cortou o cabelo? – perguntou Jim, com esforço, como se não conseguisse entender esse fato patente, mesmo após o choque inicial.

– Cortei e vendi – disse Della. – Você não gosta mais de mim? Eu sou eu, mesmo sem o cabelo, não é?

Jim olhou à volta da sala com ar curioso.

– Está dizendo que seu cabelo se foi? – exclamou ele, com um ar quase idiota.

– Não adianta procurá-lo – respondeu Della. – Vendi, está feito! É véspera de Natal, querido. Seja bom para mim, pois eu o vendi por você. Talvez os cabelos de minha cabeça possam ser contados – continuou ela

séria, mas docemente —, porém, ninguém jamais poderia calcular meu amor por você. Jim, posso fazer as costeletas?

Jim pareceu sair rapidamente de seu transe. Ele envolveu sua Della nos braços. Por dez segundos, observemos discretamente um objeto qualquer em outra direção. Oito reais por semana ou um milhão de reais por mês — qual a diferença? Um matemático ou um sábio dariam a resposta errada. Os magos levaram presentes valiosos, mas este presente não estava entre eles. Esta afirmativa obscura será esclarecida mais tarde.

Jim tirou um pacote do bolso e o colocou sobre a mesa.

- Não se engane a meu respeito, Della - disse ele. - Não acho que haja nada em um corte de cabelo, ou em um xampu, que possa fazer com que eu goste menos de minha garota. Mas se abrir esse pacote verá porque, há pouco, saí um tanto dos eixos.

Della, com dedos brancos e ágeis lutou com a fita e o papel. A seguir, ela deu um grito de alegria exuberante e, depois, houve uma rápida mudança, tipicamente feminina, para lágrimas histéricas e lamentos, sendo necessário que Jim usasse, de imediato, todos seus poderes para consolá-la.

Ali estavam "os pentes". O jogo de pentes, para ser usado nos lados e atrás dos cabelos. Della o havia cobiçado, por muito tempo, em uma vitrine da Broadway. Pentos lindos, de tartaruga, com pedras preciosas nas beiradas. Ela sabia que eram pentes muito caros, e seu coração havia ansiado por eles sem a menor esperança de possuí-los. Ela, agora, os tinha, mas as tranças que seriam adornadas com os cobiçados pentes tinham desaparecido.

Ela os apertou contra o peito e, por fim, conseguiu levantar os olhos marejados e sorrir, dizendo:

- Meu cabelo cresce tão depressa, Jim! - disse Della, como um gatinho chamuscado e, a seguir, pulou e gritou, - Oh, oh!

Jim não tinha visto ainda seu lindo presente. A esposa mostrou-lhe, cheia de contentamento, a corrente que estava na palma da mão aberta. O metal precioso parecia cintilar, como um reflexo de seu espírito luminoso e ardente. E Della disse: - Não é maravilhosa, Jim? Procurei em toda a cidade para achá-la. Você, agora, terá de olhar as horas cem vezes por dia. Dê-me seu relógio, quero ver como ela fica nele.

Jim, em vez de obedecer, caiu sentado no sofá, pondo as mãos atrás da cabeça e sorrindo.

— Della — disse ele —, vamos guardar nossos presentes de Natal por algum tempo. São bonitos demais para usá-los no momento. Vendi o relógio para comprar seus pentes. E acho que, agora, você deve pôr as costeletas no fogo.

Os magos, como você sabe, eram homens sábios, muito sábios, que levaram presentes para o Menino na manjedoura. Eles inventaram a arte de dar presentes no Natal.

Como eram sábios, seus presentes foram, sem dúvida, sábios também, possivelmente com o privilégio de ser trocados em caso de duplicação.

Contei, aqui, de modo falho, a crônica rotineira de duas crianças insensatas em um apartamento, em que sacrificaram, um pelo outro, os maiores tesouros de sua casa. Contudo, gostaria de dizer para os sábios de hoje, em poucas palavras, que de todos os que deram presentes, Della e Jim foram os mais sábios. Os que dão e recebem presentes como os deles, são sábios. Eles, em qualquer lugar, são os mais sábios. São os magos.